

A VARIAÇÃO DOS VERBOS EXISTENCIAIS *HAVER* E *TER* EM
AMOSTRA DO FALAR CULTO DE FORTALEZA-CE

THE VARIATION OF THE EXISTENTIAL VERBS *HAVER* AND
TER IN A SAMPLE OF THE CULTURED
SPEECH OF FORTALEZA-CE

Aluiza Alves de Araújo

Universidade Estadual do Ceará

aluizazinha@hotmail.com

Rakel Beserra de Macedo Viana

Universidade Estadual do Ceará

rakelbeserra@gmail.com

Maria Lidiane de Sousa Pereira

Universidade Estadual do Ceará

lidiane_lidiarock@hotmail.com

Resumo:

Com base na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, analisamos a atuação de fatores linguísticos e sociais sobre a variação dos verbos existenciais *haver* e *ter*. Coletamos dados da fala de 18 informantes do *corpus* do projeto Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT e analisamos sete variáveis linguísticas e duas variáveis sociais. Os resultados da análise estatística revelaram que, de 683 dados, 81% são de *ter* e 19% de *haver*. Os grupos de fatores relevantes para o verbo *haver* foram, nessa ordem de importância: *forma verbal*, *traço semântico do SN*, *faixa etária*, *sexo*, *repetição do verbo no mesmo enunciado*, *posição do SN em relação ao verbo* e *presença versus ausência de elementos à esquerda do verbo*.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Verbos existenciais; Falar culto; Fortaleza.

Abstract:

Based on the Variationist Sociolinguistics model, we analyse the influence of linguistic and social factors on the use of verbs *ter* and *haver* meaning “existence”. On this purpose, we use a speech corpus of 18 informants from the project Português Oral

Culto de Fortaleza – PORCUFORT, in wich is provided the analysis of seven linguistic variables and two social variables. The results of the statistical analysis revealed that, from 683 occurrences, 81% use *ter* and 19% use *haver*. Relevant factors regarding the use of *haver* are: verbal form, SN semantic trait , age range, gender, verb repetition in the same statement, position of the SN in relation to the verb and presence *versus* absence of elements before the verb.

Key-Words: Variationist Sociolinguistics; Existential verbs; Cultured speech; Fortaleza.

Introdução

A variação entre os verbos existenciais no português do Brasil (PB) vem de muito longe, mais precisamente, desde o século XIII, período em que o verbo *ter* começou a competir com *haver* no sentido de posse, até então restrito a esse último (SAMPAIO, 1978). A partir da substituição nas estruturas de posse, *haver* inicia uma disputa com *ter*, nas estruturas existenciais, até o século XVI, com o predomínio de *haver*, que vem a aparecer em gramáticas portuguesas e com sentido existencial apenas no século XVIII, como nas gramáticas de Argote (1725) e Lobato (1770). Nessas gramáticas, os autores não mencionam *ter* existencial, assim como Barbosa (1822), que cita *ter* apenas como auxiliar e reconhece *haver* como verbo existencial (BARBOSA, 1822).

Atualmente, as gramáticas normativas não consideram o verbo *ter* com sentido existencial, dando aos verbos *haver* e *existir* esse papel (BECHARA, 2004; CUNHA; CINTRA, 2007). Ao contrário do que preconizam os gramáticos normativos, os falantes brasileiros usam, em sua grande maioria, o verbo *ter* em sentido existencial e, dessa forma, os verbos *haver* e *existir* variam com *ter* em todas as camadas da população, como evidenciam vários estudos (CALLOU; AVELAR, 2000; SILVA, 2001; BATISTA, 2012; MARTINS; CALLOU, 2003; VITÓRIO, 2011, 2012, 2013; OLIVEIRA, 2014; SOUZA, 2015). Já autores de gramáticas descritivas, como Bagno (2011) e Perini (2013), trazem o emprego do verbo *ter* como preferido no falar dos brasileiros.

Observando os estudos desenvolvidos com base em bancos de dados de fala culta e popular que também analisaram a variação entre *haver* e *ter*, percebemos que, quanto à descrição desta regra variável no banco de dados de fala culta

de Fortaleza – o Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT)¹ – não há, até o momento, nenhum estudo além deste. Assim, acreditamos que, com este trabalho, estamos contribuindo para o preenchimento de tal lacuna, bem como com a descrição do atual PB, ao apresentarmos uma fotografia sociolinguística inédita do fenômeno em pauta, no falar fortalezense.

De modo mais direto, intentamos realizar, à luz da Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1994, 1996, 2008 [1972]), uma análise, em tempo aparente, do uso variável dos verbos *haver* e *ter*, numa amostra de fala culta de Fortaleza do início da década de 1990. A partir disso, buscamos observar as frequências de uso das variantes analisadas e identificar as variáveis linguísticas e/ou sociais que beneficiam a aplicação do verbo *haver*.

Para esta pesquisa, analisamos a fala de 18 indivíduos a partir de entrevistas do tipo Diálogo entre Dois Informantes (D2). As variáveis linguísticas estudadas na pesquisa foram: *traço semântico do sintagma nominal; presença versus ausência de elementos à esquerda do verbo; posição do SN em relação ao verbo; peso do SN; forma verbal; repetição do verbo no mesmo enunciado; concordância entre o verbo e o SN*. Por sua vez, as variáveis sociais controladas foram: *faixa etária e sexo*.

Temos, para este trabalho, algumas premissas para o fenômeno variável em estudo: (i) o verbo *haver* ainda ocorre com frequência superior a 10% no falar culto²; (ii) *ter* concentra, frente ao verbo *haver*, a maior frequência de uso entre nossos informantes; (iii) a *faixa etária* (idosos) e o *sexo* (feminino) são as variáveis extralinguísticas que favorecem a permanência de *haver* na amostra de fala analisada; (iv) o *tempo passado* beneficia *haver* em detrimento dos *tempos do presente*; (v) enquanto o *traço semântico* [-humano] favorece *haver*, o *traço semântico* [+humano] privilegia *ter*; (vi) acreditamos ainda que há indícios de uma mudança em progresso no sentido de *ter* estar tomando o lugar *haver* na fala culta dos fortalezenses.

Este artigo está dividido em cinco seções: esta introdução, onde apresentamos o nosso objeto de estudo e sua delimitação, bem como o objetivo

¹ O PORCUFORT será mais bem observado na seção da Metodologia.

² Pensamos em 10%, baseando-nos nos estudos sobre verbos existenciais a partir de bancos de dados constituídos na década de 1990, como o PORCUFORT. Esses estudos são baseados nos contemporâneos ao PORCUFORT: 2ª fase do NURC (1990) e VALPB (1993) que obtiveram as frequências iguais ou superiores a 10%. Na próxima seção, abordamos melhor essa questão.

da pesquisa, algumas premissas, a justificativa para a sua realização, além de sinalizarmos o *corpus* e a amostra selecionada; na seção seguinte, fizemos uma breve revisão da literatura já produzida sobre o tema; na terceira seção, delineamos a metodologia da pesquisa na qual detalhamos o *corpus* escolhido, a amostra selecionada, o perfil dos informantes e os procedimentos metodológicos usados na coleta dos dados; na quarta seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos; na quinta seção, tecemos algumas considerações finais.

1. Estudos variacionistas sobre os verbos existenciais

Diversos trabalhos têm sido realizados sobre os verbos existenciais *haver* e *ter*; apresentando, cada um desses, uma valiosa contribuição para a descrição do PB, como os trabalhos descritivos realizados com base em dados retirados de diversos *corpora* de fala culta e popular, a exemplo do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba - VALPB, contemplado por Silva (2001); o Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista - ALIP, cujos dados foram analisados por Oliveira (2014); o Projeto Norma Oral Popular de Fortaleza – NORPOFOR, analisado por Souza (2015) e o *corpus* próprio de Vitória (2011, 2012, 2013).

Além desses, vale citar também o *corpus* do Projeto Norma Urbana Oral Culta – NURC que figura como um dos mais significativos para o estudo das variedades cultas do Brasil. Iniciado precisamente no ano de 1969, esse projeto vem sendo desenvolvido desde a década de 1970. Atualmente, o NURC é composto por inquéritos registrados a partir da linguagem oral de falantes com nível de escolaridade superior completo e naturais de cinco grandes cidades brasileiras, a saber: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre³.

O NURC compreende, ainda, entrevistas com informantes que são estratificados por *sexo, faixa etária e tipo de registro*. Importante colocar que, ao longo da década de 1990, outras entrevistas foram realizadas visando à ampliação do *corpus* e o recontato com os informantes, pois, assim, seria possível observar mudanças, em tempo real, como nos estudos de Callou e Avelar (2000), Martins e Callou (2003) e Batista (2012).

No que diz respeito ao uso dos verbos existenciais, no tocante ao projeto NURC, os dados foram analisados por Callou e Avelar (2000) que analisaram

³ Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

apenas os dados do Rio de Janeiro; Martins e Callou (2003) que fizeram uma análise dos verbos existenciais com dados das capitais do Rio de Janeiro e Salvador; e Batista (2012) analisando os dados das capitais do Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre. Vale ressaltar que todas essas pesquisas são baseadas nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]).

Nossa pesquisa vem somar-se a essas, com o intuito de também contribuir para a compreensão da variação dos verbos *ter* e *haver* com sentido existencial no PB, pois os estudos que analisam o falar culto no Brasil apresentam percentuais mais sensíveis ao uso do verbo *haver*, já que na escrita formal, *haver* é o verbo existencial canônico (COSTA et al., 2011; VITÓRIO, 2013).

A literatura pertinente vem revelar uma tendência apresentada, categoricamente, nos estudos sobre esse fenômeno: o verbo *ter* vem sendo usado em lugar de *haver* na fala culta dos brasileiros, com índices superiores a 70%. Outra tendência revelada por estudos variacionistas com os verbos existenciais é que é possível perceber, nos dados de *corpora* mais antigos, como no caso do NURC em suas amostras de cinco cidades brasileiras, que os dados de *haver* se apresentam mais frequentes do que em dados de *corpora* mais recentes, como o *corpus* de Vitória (2012) com fala culta e popular em Alagoas, ou seja, há uma tendência à mudança em progresso.

Em linhas gerais, os estudos de Callou e Avelar (2000), Martins e Callou (2003) e Batista (2012) realizam uma análise em tempo real de curta duração a partir de um estudo em tendência, como propõe Labov (1994), ou seja, as pesquisas tratam-se de uma observação do PB em dois momentos do tempo, fato que dá mais segurança ao pesquisador para falar em mudança linguística.

A esse respeito, vejamos, nos Quadros 1, 2 e 3, a distribuição, mais detalhada, dos respectivos trabalhos e as variáveis que se mostraram relevantes nos mesmos.

NURC (coletas em 1970 e 1990); 1528 ocorrências; apresenta porcentagens e peso relativo.		
Variáveis testadas	Resultados gerais da variação	Resultados das variáveis
<p>03 sociais: sexo/gênero; faixa etária e década de gravação; 02 linguísticas: tempo verbal e especificidade semântica do argumento interno.</p>	<p>Frequências gerais: Haver – 31%; Ter – 69% Década de 1970 Haver – 37% Ter – 63% Década de 1990 Haver – 24% Ter – 76%</p>	<p>- Tempo verbal – o presente favorece <i>ter</i> (0.60) nas décadas de 1970 e 1990, enquanto o passado favorece <i>haver</i>: (0.91) pretérito perfeito, (0.66) pretérito imperfeito para a década de 1970 e (0.62) pretérito perfeito, (0.55) pretérito imperfeito para a década de 1990; - Especificidade semântica do argumento interno – o traço [-material] favorece o uso de <i>haver</i> e o [+material] promove o uso de <i>ter</i>; - Faixa etária – quanto mais velho o falante, mais favorecedor de <i>haver</i>; - Sexo – na década de 1970 as mulheres usam mais <i>haver</i>.</p>

Quadro 1: Resumo de Callou e Avelar (2000) sobre verbos existenciais.

Callou e Avelar (2000) nos mostram, no quadro 1, que os tempos do passado favorecem o uso de *haver*, assim como o traço [-material] do argumento interno, nos falantes mais idosos e nas mulheres. Os autores chegam à conclusão de que “a manutenção de *haver* no sistema está ameaçada” (CALLOU; AVELAR, 2000, p. 97, destaque dos autores), pelo uso frequente de *ter* através das décadas analisadas: as frequências sobem de 63% na década de 1970 para 76% na década de 1990.

Seguindo, os resultados de Martins e Callou (2003) seguem um rumo bastante parecido como podemos visualizar no quadro 2.

NURC (coletas em 1970 e 1990); 2036 ocorrências; apresenta porcentagens.		
Variáveis testadas	Resultados gerais da variação	Resultados das variáveis para os dados das duas capitais juntas
<p>03 sociais: sexo/gênero; faixa etária e década de gravação;</p> <p>02 linguísticas: tempo verbal e especificidade semântica do argumento interno.</p>	<p>Frequências gerais: Haver – 25% Ter – 75% Haver, década 1970 Rio de Janeiro – 37% Salvador – 24% Haver, década 1990 Rio de Janeiro – 26% Salvador – 14%</p>	<p>- Tempo verbal – o presente favorece <i>ter</i> enquanto o passado favorece <i>haver</i>;</p> <p>- Especificidade semântica do argumento interno – o traço [-material] favorece o uso de <i>haver</i> enquanto que o traço [+material] promove o uso de <i>ter</i>;</p> <p>- Faixa etária – quanto mais velho o falante, mais favorecedor de <i>haver</i>;</p> <p>- Sexo – os homens de faixa etária 3 usam mais <i>haver</i>.</p>

Quadro 2: Resumo de Martins e Callou (2003) sobre verbos existenciais.

Martins e Callou (2003) ao analisarem dados do Rio de Janeiro e Salvador, constatam tendências semelhantes aos dados de Callou e Avelar (2000): o presente promove *ter* enquanto que o passado favorece *haver*. Além disso, o traço [-material] beneficia o uso de *haver* enquanto que o traço [+material] favorece o uso de *ter*. Quanto à faixa etária e ao sexo, quanto mais velho o indivíduo, mais favorecedor de *haver*, sendo que, como diferença entre os dois estudos, nas duas cidades os homens de faixa etária 3 usam mais *haver*, enquanto que em Callou e Avelar (2000) são as mulheres, na década de 1970, que usam mais a variante padrão.

Em conclusão, Martins e Callou (2003) afirmam estar diante de um processo de mudança linguística de *ter* sobre *haver* em estágio mais avançado em Salvador.

No quadro 3, podemos observar a pesquisa de Batista (2012) e seus resultados.

NURC (coletas em 1970 e 1990); 1283 ocorrências; só apresenta porcentagens.		
Variáveis testadas	Resultados gerais da variação	Resultados das variáveis para os dados das três capitais juntas
<p>04 sociais: sexo/gênero; faixa etária; década de gravação e cidade;</p> <p>02 linguísticas: tempo verbal e natureza semântica do argumento interno.</p>	<p>Frequências gerais: Haver – 25% Ter – 75%</p> <p>Haver, década 1970 Porto Alegre – 31% Rio de Janeiro – 37% Salvador – 26%</p> <p>Haver, década 1990 Porto Alegre – 22% Rio de Janeiro – 24% Salvador – 15%</p>	<p>- Faixa etária – a faixa 3 (indivíduos com mais de 50 anos) é a que mais aplica <i>haver</i> nas duas décadas (41% e 32%, respectivamente 1970 e 1990);</p> <p>- Tempo verbal – o pretérito perfeito apresenta as maiores ocorrências de <i>haver</i>;</p> <p>- Natureza semântica do argumento interno – o argumento que acompanha o verbo <i>haver</i> é geralmente [+abstrato] ou [+evento];</p>

Quadro 3: Resumo de Batista (2012) sobre verbos existenciais.

Em Batista (2012), diferentemente dos estudos anteriores, o sexo não foi selecionado como relevante, mas de forma semelhante aos mesmos, a faixa etária 3 aplica mais *haver*, assim como o tempo passado (especialmente o pretérito perfeito) e os traços semânticos [+abstrato] e [+evento]. Em sua conclusão, a autora afirma que “dos anos 70 para os anos 90, o uso de *ter* passa por um aumento, indicando uma possível mudança em curso.” (2012, p. 68, grifo no original).

Em resumo, nos estudos apresentados nos Quadros 1, 2 e 3, podemos ver os seguintes grupos de fatores *tempo verbal*, *faixa etária*, *natureza semântica do argumento interno* e *sexo* selecionados como relevantes para a variação entre *haver* vs. *ter*. Notamos ainda que, no grupo de fatores *tempo verbal*, o *tempo pretérito perfeito* é aliado de *haver*; na variável *faixa etária*, o fator favorecedor é a maior *faixa etária*, falantes com idade acima de 56 anos; quanto aos fatores que tratam do *traço semântico do verbo* (animacidade, natureza do argumento interno), os fatores favorecedores de *haver* são os traços [-humano], [+abstrato], [-animado], [-material] e [+evento]; já, no grupo de fatores *sexo*, também é possível notar que geralmente, as mulheres usam *haver* mais que os homens.

Ressaltamos que em pesquisas de falar popular (SILVA, 2001; VITÓRIO, 2011, 2012, 2013; OLIVEIRA, 2014; SOUZA, 2015), o índice de *haver* é mínimo, pois sabemos que o uso desse verbo está ligado à escolarização do indivíduo, ou seja, é na escola que as crianças aprendem o seu uso (KATO, 1986; AVELAR, 2006a, 2006b), o que nos mostra que quanto mais escolarizado o indivíduo, maior seu domínio sobre o uso do verbo *haver*.

2. Metodologia

2.1 Corpus e amostra

Como *corpus* desta pesquisa, elegemos o PORCUFORT. Esse banco de dados, constituído por 72 informantes estratificados de acordo com o *sexo*, a *faixa etária* e o *tipo de registro*, foi construído com o objetivo de figurar como um banco de dados da variedade urbana culta falada pelos fortalezenses (ARAÚJO, 2000). Elaborado nos moldes do projeto NURC, o PORCUFORT constitui-se, hoje, como o único *corpus* representativo da norma culta falada em Fortaleza e encontra-se totalmente transcrito e digitalizado. A elaboração do PORCUFORT foi coordenada pelo Prof. Dr. José Lemos Monteiro – Universidade Estadual do Ceará (UECE) – no período de 1993 a 1995, e contou com o auxílio de três bolsistas do Conselho Nacional de Apoio à Pesquisa (CNPq) (ARAÚJO, 2000; ARAÚJO, VIANA, e PEREIRA, 2018).

Todos os informantes do PORCUFORT apresentam as seguintes características: i) são fortalezenses natos, filhos de pais fortalezenses ou pelo menos de mães fortalezenses e pais cearenses; ii) nunca se ausentaram de Fortaleza por, no máximo, dois anos consecutivos; iii) possuem graduação completa e, em sua grande maioria, já estavam inseridos no mercado de trabalho (ARAÚJO, 2000; ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

Quanto à estratificação social, os informantes do PORCUFORT estão organizados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (I - 22 a 35 anos, II - 36 a 55 anos e III - 56 anos em diante) e o tipo de registro (diálogo entre informante e documentador - DID, diálogo entre dois informantes - D2 e elocução formal - EF).

Nossa amostra é constituída por 18 informantes, distribuídos, equitativamente, segundo o sexo e a faixa etária, conforme podemos visualizar no quadro 4.

		Sexo	
		Masculino	Feminino
Faixa etária	I (22-35)	3	3
	II (36-50)	3	3
	III (51 em diante)	3	3

Quadro 4: Distribuição dos informantes por sexo e faixa etária na amostra analisada.

Quanto à divisão de faixas etárias apresentadas, neste estudo, é válido ressaltar que optamos por reorganizá-las diferentemente das faixas originais do projeto, porque desejávamos obter uma distribuição equilibrada dos informantes por célula, pois, observando as faixas etárias do PORCUFORT, a faixa III conteria apenas dois informantes, em razão de esta compor-se de indivíduos com mais de 55 anos. Dessa forma, nossa estratificação passa a ser da seguinte forma: faixa I - 22 a 35 anos; faixa II - 36 a 50 anos e faixa III - 51 anos em diante, apresentando, assim, 03 informantes por célula. No que tange ao tipo de inquérito analisado, decidimos trabalhar apenas com as entrevistas do tipo diálogo entre dois informantes (D2).

2.2 Variáveis, coleta e programa estatístico

Nossas variáveis linguísticas foram selecionadas a partir de alguns trabalhos já existentes sobre a variação dos verbos existenciais em outros *corpora*, como os de Silva (2001), Vitória (2012, 2013), Oliveira (2014) e Souza (2015).

Conforme já sinalizamos, os grupos de fatores linguísticos testados, nesta pesquisa, são: traço semântico do sintagma nominal (doravante SN) ([+humano] e [-humano]); presença *versus* ausência de elementos à esquerda do verbo (presença e ausência); posição do SN em relação ao verbo (SN à direita do verbo e SN à esquerda do verbo); peso do SN (SN simples, SN complexo e outros); forma verbal (presente do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo, futuro do subjuntivo, infinitivo, gerúndio e particípio); repetição do verbo no mesmo enunciado (sem repetição e com repetição); concordância entre o verbo e o SN (Verbo singular → SN singular, Verbo singular → SN plural e Verbo plural → SN plural).

Já a escolha das variáveis extralinguísticas foi motivada em função do que permitia nosso banco de dados. Assim, decidimos analisar as seguintes variáveis sociais: faixa etária (faixa I de 22 a 35 anos, II de 36 a 50 anos e III acima de 51 anos) e *sexo* (masculino e feminino)⁴.

Os dados deste trabalho foram coletados não só por meio da sua identificação durante a leitura das entrevistas transcritas, com a utilização da ferramenta “localizar” do programa Microsoft Word, mas também através da audição, na íntegra, dos inquéritos selecionados o que garantiu maior confiabilidade à coleta de dados. Coletadas as orações que continham os verbos em questão, codificamos os dados e os submetemos à análise estatística do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, e SMITH, 2005).

A seguir, apresentamos os resultados obtidos para *haver vs. ter* em sentido existencial.

3. Descrição e análise dos dados

Ao todo, encontramos 770 dados, sendo que 73% (562 ocorrências) de *ter* e 16,9% (130 ocorrências) de *haver* e 10,1% (78 de ocorrências) de *existir*. Para uma análise mais criteriosa e por questões de espaço, neste trabalho, nos deteremos apenas na descrição dos dados para a rodada com os verbos *haver vs. ter*, haja vista eles se apresentarem como os mais produtivos da amostra. No entanto, os dados referentes aos verbos *haver vs. existir*, assim como *existir vs. ter*, serão apresentados em trabalhos futuros.

Neste estudo, optamos pela análise binária entre os verbos *haver vs. ter*, com aplicação para o verbo *haver*, que resultou num total de 692 dados, distribuídos da seguinte maneira: 562 ocorrências para *ter* (81%) e as mesmas 130 ocorrências para *haver* (19%), como nos mostra o Gráfico 1.

⁴ Importante frisar que utilizamos a palavra *sexo* para designar o traço biológico dos informantes, assim como estabelecido no banco de dados.

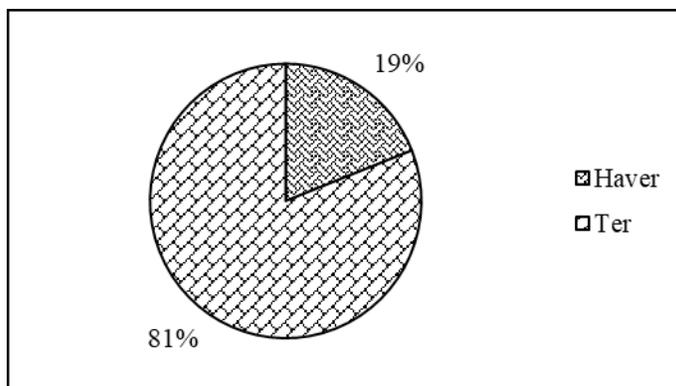


Gráfico 1: Frequências de dados para *haver* e *ter*.

Nessa primeira rodada, obtivemos nocautes (nove dados para o verbo *ter*) no grupo de fatores forma verbal, que foram excluídos de nossos dados: apenas uma ocorrência do particípio com o verbo *ter*; três ocorrências do futuro do pretérito do indicativo também para *ter* e cinco ocorrências do presente do indicativo ainda para o verbo *ter*, ou seja, não houve ocorrências para o verbo *haver* no particípio, assim como no futuro do pretérito do indicativo e presente do indicativo. Dessa forma, nossa análise permaneceu com 683 dados de *haver* e *ter*⁵.

Em sua pesquisa, Batista (2012) encontrou 25% de *haver*; Callou e Avelar (2000) registraram 31% e Martins e Callou (2003), 25%. Todos esses estudos, como já mencionamos, têm, como variáveis relevantes para a aplicação de *haver*, os tempos verbais (passado); especificidade semântica ou natureza interna do SN (mais abstrato, menos material, ou menos animado); sexo (feminino); faixa etária (acima de 50 anos). Percebemos aqui, que nossos resultados vão ao encontro dos resultados dos estudos supracitados, embora com uma porcentagem de *haver* um pouco menor: 19%.

Dito isso, frisamos que, para este estudo, os grupos de fatores selecionados para a aplicação de *haver* foram, por ordem de relevância: forma verbal, traço semântico do SN, faixa etária, sexo, repetição do verbo no mesmo enunciado, posição do SN em relação ao verbo e presença *versus* ausência de elementos à esquerda do verbo. Todavia, as variáveis concordância do SN com o verbo e peso do SN não foram selecionadas para esta análise.

⁵ Nessa etapa, o GoldVard X selecionou o *step up* #41 como a melhor análise (*convergente at interaction 7; input 0.132; log likelihood = -259.371; significance = 0.025*).

A seguir, discutiremos os resultados obtidos para cada grupo de fatores selecionado na rodada, assim como tentaremos traçar paralelos, sempre na medida do possível, com as pesquisas já mencionadas sobre o estudo dos verbos existenciais em *corpora* de fala culta. Também ilustraremos, cada um dos fatores linguísticos, com um dado e, no caso de aqueles que apresentarem apenas 05 ocorrências, apresentaremos todos os dados.

3.1 Forma verbal

As formas verbais que analisamos foram: presente do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo, futuro do subjuntivo, infinitivo, gerúndio e particípio.

Tabela 1: Atuação da variável *forma verbal* sobre o verbo *haver*

FATORES	Aplic./total	%	P.R.
pretérito perfeito do indicativo	27/34	79,4	0,942
pretérito imperfeito do subjuntivo	3/6	50,0	0,883
Gerúndio	3/9	33,3	0,660
Infinitivo	10/45	22,2	0,582
futuro do subjuntivo	2/11	18,2	0,553
presente do indicativo	73/437	16,7	0,485
pretérito imperfeito do indicativo	12/141	8,5	0,324

Tabela 1: Atuação da variável forma verbal sobre o verbo *haver*.

Vejamos os fragmentos de (1) a (7) que ilustram cada um dos fatores da tabela 1. Destacamos o verbo *haver* em questão.

1. “porque ele SAbe... que *HOUve*... uma... digamos” – (PORCUFORT, D2, 30)
2. “EU ACHO o seguinte se NUM *houvesse* na realidade prova então que a Secretaria” – (PORCUFORT, D2, 16)

“se *tivesse* um sistema de rádio... num... num...” – (PORCUFORT, D2, 45)

“se *houvesse* uma oportunidade da gente fazer...” – (PORCUFORT, D2, 34)

3. “uma... digamos esTÁ *haVENdo*:: um momento desemprego na faixa etária” – (PORCUFORT, D2, 30)

“tá *havendo* hoje enTÃO:: houve uma abertura então qualquer...” – (PORCUFORT, D2, 45)

“dos escândalo tá *havendo* essa separação divergência...” – (PORCUFORT, D2, 45)

4. “é exatamente pra isso pra... *haver* uma massificação de esPORte” – (PORCUFORT, D2, 34)

5. “todos os problema que a gen/ tem... s e *houver* uma... sabe? uma... estrutura...” – (PORCUFORT, D2, 34)

“se *houver* uma... sabe? uma... estrutura...” – (PORCUFORT, D2, 34)

6. “toda vida que *há* corte em investimento... consequentemente *HÁ* desemprego... né?” – (PORCUFORT, D2, 45)

7. “o voto era... manobrado... num *havia*... democracia portanto *NÉ?*.” – (PORCUFORT, D2, 39)

Para essa variável, lembramos que os fatores participípio, presente do subjuntivo e futuro do pretérito apresentaram nocautes e, por isso, foram retirados da análise⁶.

Como apresentado na tabela 1, para o verbo *haver*, o pretérito perfeito do indicativo (0,942) e pretérito imperfeito do subjuntivo (0,883) surgem como os seus maiores aliados, sendo que o gerúndio (0,660), o infinitivo (0,582) e o

⁶ Para o *participípio*, encontramos apenas uma ocorrência com o verbo *ter*: “dizem que teve boiCOTE de:: história de orçamento e tal ma/... pode até ter *tido*” – (PORCUFORT, D2, 30); para o *presente do subjuntivo*, encontramos apenas cinco ocorrências apenas, também, com o verbo *ter*: “Como vai demorar um pouquinho que *tenha* ventilador que *tenha* ar condicionado...” – (PORCUFORT, D2, 07); “toMara que num *tenha* ninguém do inte{rior” – (PORCUFORT, D2, 30); “pode ser até que *tenha* CAsa aí que num trate mas” – (PORCUFORT, D2, 30); “ou o trabalho mental ele talvez não *TENha* o intelectual porque até o mental...” – (PORCUFORT, D2, 39); e para o *futuro do pretérito*, apenas 03 ocorrências, também, apenas com *ter*: “{de colégio particular não *teria*” – (PORCUFORT, D2, 07); “e *teria* um incremento e:: e *teria* um incremento de duzentos/ e cinquenta mil” – (PORCUFORT, D2, 45).

futuro do subjuntivo (0,553) também se revelaram favorecedores da regra, mas não tanto quanto os dois primeiros tempos verbais supracitados.

Acreditamos que o motivo de os tempos do passado favorecerem mais o verbo *haver* que o verbo *ter*, se deva ao fato de que os inquiridos de nosso *corpus* abordam temas do passado lembrados e relatados pelos falantes. O relato dessas narrativas passadas foi explorado pelos documentadores, porque deixava o falante mais confortável na entrevista, evitando posicionamentos que poderiam gerar situações de impolidez. Como diz Callou e Avelar (2000, p. 91, grifos do autor), “*haver*, no português oral, tornou-se um verbo típico de narração, modalidade discursiva que privilegia o emprego de tempos do sistema ‘*passado*’”.

Nos estudos de Callou e Avelar (2000), Martins e Callou (2003) e Batista (2012), o tempo passado favorece *haver*, enquanto o presente beneficia *ter*, o que vai ao encontro de nossos achados, aqui. Em Batista (2012), o presente, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo, assim como em nosso estudo, revelaram o mesmo comportamento para os verbos analisados. A nosso ver, esses três estudos denotam que os tempos do passado favorecem a manutenção de *haver*, funcionando este, pelo que nos parece, como um verbo típico de narração.

3.2 Traço semântico sintagma nominal (SN)

A respeito das ocorrências para os traços [-humano] e [+humano], apresentamos os excertos de (8) a (14).

1. “ele PAssa dentro da cidade...já *houve* acidente dentro de cidade que...” – (traço semântico [+ humano]) - (PORCUFORT, D2, 45)
2. “ali *havia* alunos de:... eh:: de:... que não tinha o norMAL” – (traço semântico [- humano]) – (PORCUFORT, D2, 33)
3. “que *há* brasileiros que vão... JunTAR dinheiro no...” – (traço semântico [- humano]) – (PORCUFORT, D2, 33)
4. “rezar o ter::ço... {e *Há* ... os libertários que são aqueles que...” – (traço semântico [- humano]) – (PORCUFORT, D2, 33)
5. “por outro lado *há* os conservadores... que são aqueles...” – (traço semântico [- humano]) – (PORCUFORT, D2, 33)
6. “então *havia* pessoas que dormia... de TÃO cansada sabe?” – (traço semântico [- humano]) – (PORCUFORT, D2, 07)

7. “também aí num *havia* razão de /tar ...” (motoqueiros) – (traço semântico [- humano]) – (PORCUFORT, D2, 11)

Nessa variável, analisamos os traços [+humano] e [-humano]. Sobre os resultados obtidos para esse grupo de fatores, vejamos a tabela 2:

FATORES	Aplic./total	%	P.R.
[-humano]	124/532	23,3	0,591
[+humano]	6/151	4,0	0,214

Tabela 2: Atuação da variável traço semântico do SN sobre o verbo *haver*

Segundo a tabela 2, o traço semântico [-humano] beneficia *haver* (0,591) e o traço [+humano] inibe (0,214) esta variante, sendo que este último fator apresenta apenas 6 ocorrências de um total de 151, como podemos vê-las nos excertos de (9) a (14).

Esse grupo de fatores também tem se mostrado relevante para o estudo dos verbos existenciais, pois, os traços [+abstrato], [-humano], [-genérico], [-material] e [-animado] têm mostrado, na literatura, que privilegiam o uso do verbo *haver* (CALLOU; AVELAR, 2000; MARTINS; CALLOU, 2003; BATISTA, 2012). Esse fato também é abordado em Neves (1996 *apud* CALLOU e AVELAR, 2000, p. 93), em que a autora afirma que a especificidade abstrato se “apresenta como casos prototípicos de verbos-suporte, que constituem estruturas cujo objetivo ocorre sem determinante, não havendo, portanto, referencialidade...”. Em nossa amostra, encontramos o seguinte exemplo em (15):

1. “mas aí não *há* continuidade /tá entendendo?” – (PORCUFORT, D2, 34)

3.3 Faixa etária

A terceira variável relevante, neste estudo, a faixa etária, foi, também, bastante significativa para o estudo dos verbos existenciais (CALLOU; AVELAR, 2000; MARTINS; CALLOU, 2003; BATISTA, 2012), assim como essa variável se apresenta de grande importância para os estudos da Sociolinguística Variacionista, por apresentar o delineamento do estágio que uma regra variável pode desempenhar em tempo aparente. A variável faixa etária também nos permite

perceber o grau de distinção do comportamento linguístico entre os falantes jovens, adultos e idosos, sendo assim possível rastrear o curso da mudança (VITÓRIO, 2012). Sobre esse ponto, Paiva e Duarte (2003, p. 14) observam:

O estudo da mudança no tempo aparente está baseado no pressuposto de que diferenças lingüísticas (sic) entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes. O comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho linguístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas.

Chambers (2002) e Labov (2008 [1972]), observando a variável faixa etária, verificaram que quanto maior a idade dos falantes, maior é a sua tendência de preferirem o uso de formas padrão, em contraponto com os falantes mais jovens. Labov (1996) nos diz que, através da estratificação de uma amostra de comunidade de fala em distintas faixas etárias, pode ser possível detectar a direção de uma mudança em curso. Ainda segundo Labov (1994, p. 72), “as inferências sobre mudança em progresso a partir do tempo aparente não podem ser desprezadas e que este tipo de análise pode ser realizada com proveito quando não há dados de tempo real disponíveis”⁷.

FATORES	Aplic./total	%	P.R.
a partir de 50 anos	54/208	26,0	0,632
26 a 49 anos	62/304	20,4	0,539
15 a 25 anos	14/171	8,2	0,281

Tabela 3: Atuação da variável *faixa etária* sobre o verbo *haver*

A tabela 3 nos diz, dessa forma, que há indícios de mudança em curso de *ter* sobre *haver*, haja vista os pesos de *haver* apresentarem um aumento de favorecimento da faixa II para a faixa III, enquanto que, de forma contrária, para *ter* os PRs apresentam um decréscimo de favorecimento da faixa etária I para a faixa II e mais ainda para a faixa etária III.

⁷ No original: “It appears that the inferences to be drawn about change in progress from apparent time are not negligible, and that this type of analysis can be pursued profitably when no real-time data are available” (LABOV, 1994, p. 72. Tradução nossa).

De acordo com Callou e Avelar (2000) e Martins e Callou (2003), a faixa etária de falantes mais velhos favorece o uso do verbo *haver*. Batista (2012) apresenta as frequências de 41%, na década de 70, e 32%, na década de 90, para o verbo *haver*; no Rio de Janeiro e Salvador, respectivamente.

Em nossa amostra, observando a Tabela 3, essa tendência também se confirma, pois, os mais velhos (pessoas com mais de 50 anos) são os maiores aliados da regra (0,632), enquanto os mais jovens inibem *haver* (0,281), confirmando nossa hipótese inicial, segundo a qual, os idosos favorecem o seu uso. Os adultos (de 26 a 49 anos) também se mostraram aliados do verbo *haver* (0,539), porém não apresentaram um comportamento tão favorável à regra quanto os mais velhos, ficando próximo da neutralidade.

Martins e Callou (2003), analisando as capitais do Rio de Janeiro e de Salvador, afirmam que as estruturas existenciais são constituídas preferencialmente com *ter*, o que apresenta processo de mudança linguística já avançada, principalmente em Salvador.

3.4 Sexo

Os resultados apresentados na tabela 4 confirmam nossa premissa inicial com relação ao uso do verbo *haver* por homens e mulheres: o sexo feminino (0,596) privilegia a sua ocorrência, ao passo que o sexo masculino (0,385) inibe o seu uso, como também revelam as pesquisas de Callou e Avelar (2000) e Martins e Callou (2003) e Batista (2012).

FATORES	Aplic./total	%	P.R.
feminino	47/309	21,9	0,596
masculino	82/374	15,5	0,385

Tabela 4: Atuação da variável *sexo* sobre o verbo *haver*

Os dados de Martins e Callou (2003) apresentam as mulheres como aliadas de *haver*, na década de 1970, enquanto que, na década de 1990, os homens idosos favorecem o uso de *haver*, e afirmam que, embora esses dados para a década de 1990, “são as mulheres que tendem a liderar os processos não-estigmatizados de mudança linguística e que quanto mais jovem o falante, maior a frequência de uso de *ter*.” (MARTINS; CALLOU, 2000, p. 822, grifos dos autores).

3.5 Repetição do verbo no mesmo enunciado

Atuação da variável *repetição do verbo no mesmo enunciado* sobre o verbo *haver*

FATORES	Aplic./total	%	P.R.
com repetição	16/46	34,8	0,769
sem repetição	114/637	17,9	0,478

Tabela 5: Atuação da variável *repetição do verbo no mesmo enunciado* sobre o verbo *haver*

O fator com repetição do verbo no mesmo enunciado, como apresentado na tabela 5, é favorecedor de *haver* (0,769), enquanto que o fator sem repetição o inibe, com peso 0,478. Podemos observar uma ocorrência de cada um desses fatores nos excertos (16) e (17).

1. “quer dizer *há há há* governo que eu já passei por vários...” (governos que que dão muita ênfase à Educação) – (PORCUFORT, D2, 07)
2. “num *houve* interesse da minha parte...” – (PORCUFORT, D2, 16)

As ocorrências em (16) e (17) acontecem numa conversa em que os interlocutores são muito próximos, mas que estão em um momento de gravação. Em (16), a ocorrência com repetição acontece nos minutos iniciais da gravação do inquérito, enquanto que, em (17), a ocorrência sem repetição aparece já no final da gravação.

Acreditamos que essa repetição no diálogo se dá porque o falante está pensando na formulação de sua frase, enquanto mantém o turno da fala, o que deve ser uma forma de manter a conjugação padrão do verbo *haver*, levando em consideração tal variante ser um verbo impessoal que exige atenção na construção da frase.

3.6 Posição do SN em relação ao verbo

A posição do SN, com relação ao verbo, ocorre a sua direita ou a sua esquerda. Considera-se que a estrutura prototípica para os verbos existenciais seja o SN à direita do verbo, como assevera Perini (2013, p. 79, grifos do

autor): “*ter* e *haver* são sinônimos, e aparecem tipicamente na construção de **apresentação de existência**, acompanhados de um objeto posposto”. Para as construções existenciais, os verbos *haver* e *ter* se apresentam como impessoais transitivos diretos (LUFT, 2016), o que justifica a necessidade de complemento verbal, ou seja, de um objeto posposto (PERINI, 2013).

FATORES	Aplic./total	%	P.R.
SN à direita do verbo	125/641	19,5	0,518
SN à esquerda do verbo	5/42	11,9	0,247

Tabela 6: Atuação da variável *posição do SN em relação ao verbo* sobre o verbo *haver*

Dessa forma, o *SN* aparece na grande maioria das construções existenciais com *haver*, à *direita do verbo*, com peso relativo de 0,518, como apresentado na Tabela 6. Mesmo com um peso relativo próximo da neutralidade, acreditamos que isso se deve à grande quantidade de ocorrências de *ter*. De um total de 130 ocorrências para *haver*, apenas 05 estão com *SN* à esquerda do verbo (0,247), ou seja, 3,8% dessas construções de *haver* são atípicas. Vejamos em (18) *SN* à direita do verbo e em (19) a (21) ocorrências do *SN* à esquerda do verbo *haver*, destacadas em itálico.

1. “mas *houve* um melhoramento muito grande...” (PORCUFORT, D2, 07)
2. “ou felizmente num *há* num *há* o infelizmente não... eu num POSSO ir né?” – (PORCUFORT, D2, 39)
3. “tá havendo uma moréia... quer {tem *HÁ:: HÁ::*” – (PORCUFORT, D2, 30)
4. “quer dizer *houve*...” (projetos para a educação) – (PORCUFORT, D2, 30)

3.7 Presença versus ausência de elementos à esquerda do verbo

O último grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb X como relevante para a ocorrência de *haver* apresenta dois fatores: presença ou ausência de elementos à esquerda do verbo. Para a testagem dessa variável, partimos do pressuposto de que as construções existenciais apresentam estruturas com uma

posição à esquerda do verbo, que fica disponível para o preenchimento por diversos elementos. Segundo Berlinck, Duarte e Oliveira (2009), esse preenchimento não se dá apenas com a presença de sintagmas adverbiais, marcadores discursivos, negação e pronomes relativos na posição pré-verbal, mas também na presença de sintagmas determinantes.

FATORES	Aplic./total	%	P.R.
ausência	74/309	23,9	0,570
presença	56/374	15,0	0,442

Tabela 7: Atuação da variável presença vs. ausência de elementos à esquerda do verbo em relação ao verbo sobre o verbo *haver*

A tabela 7 nos apresenta a ausência de elementos à esquerda do verbo como aliada do verbo *haver* (0,570), ao passo que o fator presença de elementos à esquerda do verbo favorece mais as ocorrências com *ter* (0,442). Vejamos os excertos (22) e (23).

1. “há o trabalho físico também esforço né?” – (PORCUFORT, D2, 39)
2. “EU ACHO o seguinte se NUM *houvesse* na realidade prova então que a Secretaria...” – (PORCUFORT, D2, 16)

Posto isso, os dados do PORCUFORT assemelham-se aos do NURC com relação à variação dos verbos existenciais, sendo as frequências de *haver*, no primeiro, são menores que a do segundo.

Considerações finais

Neste estudo, pretendemos analisar os condicionamentos linguísticos e sociais que atuam sobre a variação entre os verbos existenciais *haver* vs. *ter* em uma amostra do português oral culto de Fortaleza, a fim de que nossos dados sejam somados à descrição dessa variação no falar brasileiro.

Constatamos que, para esse fenômeno, nossas premissas iniciais foram confirmadas na amostra do PORCUFORT: o verbo *ter* concentra, frente ao verbo *haver*, a maior frequência de uso; a faixa etária (idosos) e o sexo (feminino) são as variáveis extralinguísticas que favorecem a permanência de *haver*;

o tempo (passado) favorece *haver* em detrimento dos demais; assim como o traço semântico [-humano] beneficia *haver*, o traço [+humano] favorece *ter*.

Dessa forma, na variedade culta do falar de Fortaleza, o uso do verbo *haver* chega ainda a 19%. De qualquer forma, as estruturas existenciais no português brasileiro são construídas, em sua grande maioria, com o verbo *ter*, o que já vêm apresentando uma mudança linguística, constatada em nossos dados, com uma possível mudança em progresso. Ademais, inferimos, ainda, que a escolarização é fator primordial para a presença de *haver* no falar fortalezense, pois, a partir do contato com a gramática normativa, os falantes tomam conhecimento do uso do verbo *haver*, como já mencionamos anteriormente.

Nossa pesquisa não se encerra aqui, pois ainda é preciso analisar a variação entre os verbos *existir vs. ter* e *existir vs. haver*. Faz-se necessário, também, responder a outras questões que surgiram a partir de nossa pesquisa, como as seguintes: i) a disputa dos verbos existenciais é mesmo com o verbo *ter* ou a disputa, na verdade, seria entre os verbos *haver* e *existir*? e ii) quais fatores favorecem a ocorrência, mesmo que pouca, de *existir* na fala fortalezense? Para responder estas questões, vemos a necessidade de realização de estudos futuros que venham a esmiuçar mais esse fenômeno na fala dos fortalezenses.

Referências

- ARAÚJO, Aluiza Alves de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, dissertação de mestrado em Linguística, 2000.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macedo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. O projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT: das origens aos dias atuais. **Web Revista SOCIODIALETO** [S.l.], v. 8, n. 24, p. 174-198, jun. 2018. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- ARGOTE, Contador de. **Regras da lingua portugueza: espelho da latina**. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1725. Disponível em: http://purl.pt/10/4/1-601-p_PDF/1-601-p_PDF_24-C-R0150/1-601-p_0000_1-398_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 9 ago. 2017.

- AVELAR, Juanito Ornelas de. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: v. 14, n. 2, dez. 2006a p. 99-143, Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2425>>. Acesso em: 28 out. 2014.
- AVELAR, Juanito Ornelas de. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: v. 41, n. 1, 2006b p. 49-77, Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2425>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BARBOSA, Jeronymo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza**. Lisboa: Typographia Academia das Sciencias, 1882. Disponível em: http://purl.pt/128/5/l-296-v_PDF/l-296-v_PDF_24-C-R0072/l-296-v_0000_capa-guardas2_t24-C-R0072.pdf. Acesso em: 9 ago. 2017.
- BATISTA, Priscila Guimarães. **Ter e haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro Salvador e Porto Alegre**: do social ao linguístico. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, dissertação de mestrado em Letras Vernáculas, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/BatistaPG.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2017.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; OLIVEIRA, Marilza de. Predicação. In: KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/284762/mod_resource/content/1/GRAMATICA%20DO%20PORTUGU%C3%8AS%20CULTO%20FALADO%20NO%20BRASIL.pdf. Acesso em: 11 ago. 2017.
- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito Ornelas de. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Revista Gragoatá**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, n. 9, 2000, p. 85-100,. Disponível em: http://www.academia.edu/15828109/Sobre_TER_e_HAVER_em_constru%C3%A7%C3%B5es_existenciais_varia%C3%A7%C3%A3o_e_mudan%C3%A7a_no_Portugu%C3%AAs_do_Brasil. Acesso em: 2 nov. 2016.

- CHAMBERS, J. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Oxford UK: Blackwell Publishing Ltd, p. 349-372, 2002.
- COSTA, Alessandra de Azevedo; PINTO, Daglécia dos Santos; SOUZA, Gisélia Evangelista; REIS, Josenilto Andrade; BIZERRA, Priscila Reis Brito. Verbos existenciais: ter/haver. **ReVEL** – Revista Virtual de Estudos da Linguagem. Dourados: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_verbos_existenciais.pdf. Acesso em: 2 ago. 2017.
- CUNHA, Celso F. da; CINTRA, Luís Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, William. **The social stratification of English in the New York City**. Washington. DC: Centar for Applied Linguistics, 1996.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Backwell Publishers, 1994
- LOBATO, Antonio José dos Reis. **Arte da grammatica da lingua Portugueza**. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770. Disponível em: http://purl.pt/196/4/clul-r-116_PDF/clul-r-116_PDF_24-C-R0072/clul-r-116_0000_guardas1-guardas2_t24-C-R0072.pdf. Acesso em: 9 ago. 2017.
- LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2016.
- MARTINS, Luciene; CALLOU, Dinah. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções *ter/haver* existenciais. In: **Anais Eletrônicos do Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Curitiba: Mídia Curitibaana, p. 820-825, 2003. Disponível em: <http://celsul.org.br/Encontros/05/pdf/114.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2016.
- OLIVEIRA, Carolina Sartori de Oliveira. **A variação entre ter e haver em construções existenciais na fala e na escrita da variedade riopretense**. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos, 2014. 144 f. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122109>. Acesso em: 10 jun. 2017.

- PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. 1. ed. 1. Reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. **Estudo diacrônico dos verbos TER e HAVER: duas formas em concorrência**. Assis: Nigro, 1978. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/159053795/Estudo-Diacronico-Dos-Verbos-TER-e-HAVER-Maria-Lucia-Pinheiro-Sampaio>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. University of Toronto, Department of Linguistics, 2005. Software. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 10 jun. 2017.
- SILVA, Rosângela Neres Araújo da. **Variação ter/haver na fala pessoense**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, dissertação de mestrado em Letras, 2001. 106 f
- SOUZA, Francisco Ferreira de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular?: a variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, dissertação de mestrado em Linguística Aplicada, –2015, 105 f. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Francisco%20F.%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **Construções existenciais com os verbos ter e haver na fala e na escrita: uma análise comparativa**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutorado júnior em Letras Vernáculas, – 2013, 26 f.
- VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, tese de doutorado em Linguística, 2012, 152f.

- VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. A alternância ter/haver existenciais na fala maceioense. **Revista Interdisciplinar**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe - UFS, ano 6, v. 14, 2011, p. 77-85, Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1067/905>. Acesso em: 14 dez. 2016.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Recebido em 15 de junho de 2018.

Aceito em 1 de outubro de 2018.